

Resenha

LONDON, Mark; KELLY, Brian. *The Last Forest: The Amazon in the age of globalization*. New York: Randon House, 2007. 312p. ISBN 978-0-679-64305-0

Romulo Rodrigues Dantas

Os jornalistas Mark London e Brian Kelly viajaram ao Brasil em 1980 e escreveram seu primeiro livro sobre a Amazônia. Na ocasião, de acordo com eles próprios, 3% da floresta já haviam sido destruídos. Vinte e cinco anos depois, segundo London, agora advogado, e Kelly, editor executivo do *US News and World Report*, 20% não existiam mais.

Nesse sentido, a questão central da obra de London e Kelly é indagar se a floresta poderá ser salva. A resposta dos autores é otimista: “não é tarde para salvá-la”. Entretanto, consideram que a solução ao desmatamento é tão complexa quanto a própria floresta.

Mesmo para os que vivem na região, “a floresta é uma área alienígena”. Os autores relatam que milhões de espécies diferentes coabitam a Amazônia, e cada uma desenvolveu maneira única e fascinante para sobreviver. Há lagartas que se mimetizam e assumem a forma de víbora, de modo a sobreviver; peixes com quatro olhos e dois pares de córnea e retina, uma para proteger-se de perigos que vem de cima e, outra, para buscar por comida, abaixo; plantas que se transformam de cipós em árvores, dependendo da quan-

tidade de luz solar. Para impedir que doença as extinga completamente, árvores de mesma espécie desenvolvem-se afastadas umas das outras.

Apesar disso, a mesma evolução e adaptação que protege as árvores da extinção as expõem à destruição pelo homem. Pelo fato de que certos tipos de madeira são mais valiosos do que outros, não é incomum madeireiros abrirem trilhas na floresta apenas para chegar à árvore específica. Os autores consideram que “as cicatrizes que essa prática causam não saram. Tais trilhas, minúsculas, usualmente são visíveis do alto, com padrão que lembra um rio ao contrário. O fim dessa linha é o local onde antes existia um mogno centenário”.

A primeira incursão na floresta revela aparente “irresistível percepção” de desenvolvimento. As trilhas começam a se dividir e a conduzir a pequenas estradas vicinais e a acessos a fazendas ou a pastagens. Segundo *The Last Forest*, 85% do desmatamento ocorrem a partir das estradas, em média 50 quilômetros, bilateralmente. Com base em tais informações, estima-se que a floresta perderá um quarto do seu tamanho original até 2020.

É possível que circunstâncias drásticas demandem medidas igualmente drásticas. Ainda que prevaleça a crença de que a única maneira de salvar a Amazônia seria mantê-la completamente intocada, London e Kelly argumentam que esse pensamento não é apenas “desatualizado”, mas, principalmente, “perigoso”. Para eles, “atualmente, salvar a Amazônia impõe também salvar as pessoas que vivem na Amazônia”.

Para London e Kelly, resposta a essa constatação implica abordagem colaborativa que une preservação com desenvolvimento. O livro cita que o governo do Brasil já adota políticas nesse sentido. “Não é proveitoso pessoas afirmarem, sobretudo do exterior, que a Amazônia – que ocupa mais da metade do território – precisa ser mantida como santuário da humanidade, e esquecer que cerca de 20 milhões de pessoas vivem na região”, conforme disse o presidente brasileiro. Com o argumento de que desmatamento legal e monitorado é preferível à situação corrente, “caótica”, os autores destacam que o governo brasileiro pretende leiloar direitos de exploração madeireira em vastas áreas da região.

The Last Forest apresenta a Amazônia como terra onde “abundam oportunidades para o desenvolvimento, se aproveitadas de maneira correta, e não é correto reconhecê-la apenas como região selvagem e exótica, mas como uma das últimas fronteiras da terra”.

Como base para esse argumento, London e Kelly apontam novas evidências antropológicas as quais sugerem que grandes sociedades – com canais, pontes, ruas pavimentadas e milhares de pessoas – podem coabitar na bacia amazônica sem destruí-la. Apesar disso, os autores informam que “essa constatação não provê muita esperança, ainda que existam pesquisas em andamento, de que ocupação no século XXI também reproduza tal percepção de harmonia”, mas isso é parte da base do otimismo deles. O resto é parte de suas próprias pesquisas na Amazônia, as quais revelam soluções criativas ao desmatamento, ainda que limitadas.

O capítulo “*A Way to Save the Amazon*” aborda várias dessas soluções: programas de incentivo, bem remunerados, para pessoas que, de outra forma, seriam empregadas no desmatamento ilegal; florestas “certificadas”, onde árvores seriam cortadas mediante método de rotação, para proteger espécies; e uso alternativo da terra, desde a produção de juta a fazenda de criação de peixes exóticos.

London e Kelly admitem que tais soluções não são perfeitas, e nenhuma delas constitui-se panacéia. Entretanto, são exemplos de tentativas honestas de proteger a Amazônia, principalmente por pessoas que têm determinação em usá-la. Por fim, chegar a esse equilíbrio pode ser a esperança que *The Last Forest* pretende informar.